

## **MULHERES NEGRAS EM CONSTRUÇÃO FUTURA: COMO DORORIDADE E ESCREVIVÊNCIA PODEM CONTRIBUIR PARA UMA NOVA ESTRUTURA SOCIAL?**

## **BLACK WOMEN IN FUTURE CONSTRUCTION: HOW CAN DOORITY AND WRITING CONTRIBUTE TO A NEW SOCIAL STRUCTURE?**

## **LAS MUJERES NEGRAS EN LA CONSTRUCCIÓN DEL FUTURO: ¿CÓMO PUEDEN CONTRIBUIR LA PUERTA Y LA ESCRITURA A UNA NUEVA ESTRUCTURA SOCIAL?**

*Arleam Francislene Martins Dias*<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente ensaio pretende conhecer como são traçados, na prática, os caminhos de fortalecimento das mulheres negras no que se refere à construção de novas identidades, às mudanças psicossociais que vivenciam e impulsionam no contexto social. Objetivando apresentar meios para a construção de políticas de educação em interface com a Lei 10.639/2003, qualificação e políticas públicas como facilitadoras e multiplicadoras dos processos de fortalecimento das mulheres negras. Utilizando da metodologia da Escrevivência, o compartilhar das experiências que constroem novas identidades indica uma hipótese a ser considerada e aprofundada na pesquisa, o Efeito Carbono.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia Social-UFMG. Advogada-PUC Minas. Especialista em Direito material e processual do trabalho Universidade de Itaúna, Especialista em Psicologia do trabalho e das organizações pela Faculdade Paraíso do Norte. Escritora e palestrante. Co-coordenadora da pasta de valorização da mulher preta e indígena, Comissão da mulher advogada. Co-coordenadora da pasta de combate ao assédio moral e sexual da Comissão de enfrentamento à violência contra a mulher. Membro da Comissão de igualdade racial. Membro da Comissão de enfrentamento ao trabalho escravo contemporâneo. Membro da Comissão de direitos sociais e trabalhistas e Coordenadora da pasta assédio moral e sexual do grupo de estudos permanentes da CDST- Comissões da OABMG 2022-2024. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8042135842365863>. E-mail: [arleamdias@gmail.com](mailto:arleamdias@gmail.com)

**Palavras-chave:** Ensaio. Experiências. Escrevivência. Efeito Carbono. Identidades.

**ABSTRACT:** This essay aims to understand how, in practice, the paths to strengthening black women are traced with regard to the construction of new identities and the psychosocial changes they experience and promote in the social context. Aiming to present means for the construction of education policies in interface with Law 10,639/2003, qualification and public policies as facilitators and multipliers of the processes of strengthening black women. Using the Writing methodology, sharing experiences that build new identities indicates a hypothesis to be considered and deepened in research, the Carbon Effect.

**Keywords:** Essay. Experiences. Writing. Carbon Effect. Identities.

## RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo comprender cómo, en la práctica, se trazan los caminos para el fortalecimiento de las mujeres negras en relación con la construcción de nuevas identidades y los cambios psicosociales que experimentan y promueven en el contexto social. Con el objetivo de presentar medios para la construcción de políticas educativas en interfaz con la Ley 10.639/2003, calificación y políticas públicas como facilitadoras y multiplicadoras de los procesos de fortalecimiento de las mujeres negras. Utilizando la metodología de Escritura, compartir experiencias que construyen nuevas identidades indica una hipótesis a considerar y profundizar en la investigación, el Efecto Carbono.

**Palabras clave:** Ensayo. Experiencias. Escribiendo. Efecto Carbono. Identidades.

## 1. INTRODUÇÃO

Trabalhando com pessoas e observando minha própria mudança, à medida que me relacionava com escritoras negras através da leitura, conheci melhor a minha história. O contato com as referências de escrita negras como as de Conceição Evaristo; Lélia Gonzalez; Vilma Piedade; bell hooks e algumas referências poéticas; fez nascer em mim

um desejo de escrever a partir das minhas vivências, conectando-as às vivências de outras mulheres negras, como Carolina Maria de Jesus, minha referência poética.

Certa vez, lendo *Ensinando o Pensamento Crítico-sabedoria prática* de bell hooks (2020), percebi que a mesma fazia muito uso da vírgula. Eu já havia sido questionada por alguns colegas, pois usava muito a vírgula, isso me chamou a atenção. Pensando a respeito, me perguntei qual seria a funcionalidade daquela vírgula? Não analisando uma regra de pontuação, mas em que contexto de vivência poderia caber aquela vírgula. bell hooks como educadora, eu como leitora e mulher preta, tentando construir sua história fora do contexto histórico já posto.

Essas vírgulas poderiam ser os obstáculos existentes no caminho? O momento do fôlego para continuar a caminhada? Poderia conter poder de ação nessas vírgulas? E no que poderiam me acrescentar a escrevivência compartilhada por estas mulheres negras? Seria possível transformar estas dores- Dororidade (Piedade, 2017) em combustível para a superação, considerando o fenômeno da alteridade na construção do coletivo social? E as identidades que se constroem a partir daí?

Com essa pergunta aponto como hipótese um novo conceito: o Efeito Carbono, que consistiria em cópias de comportamentos que, por suas mínimas imperfeições ou amassos no carbono, criaram novas histórias desenhando novos caminhos; mapeando traços semelhantes, mas não idênticos de realidades e vivências de mulheres negras. Por quantas vezes a mulher negra teve que se silenciar e não pôde compartilhar o seu sofrimento, até mesmo com outra mulher negra, por desconhecer um conceito, um “nome” para aquilo que estava enfrentando?

Com o crescente movimento de escrita de mulheres negras, a exemplo as escritoras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Vilma Piedade e bell holks, que vem marcando sua caminhada, compartilhando vivências e corajosamente “nomeando” este sentir, outras mulheres negras podem, hoje, dizer o que sentem e, de alguma forma, dialogar com esses escritos, partilhando suas vivências e aprendizados de transformação. Neste movimento, o Efeito Carbono desenha-traça outros caminhos para

as mesmas dores. Estes caminhos se cruzam, passam paralelos e se circundam. Porém, tem o mesmo ponto de origem e fim: Ser Mulher Negra.

Viver está construção foi o que me trouxe até aqui. Mulher negra, de família humilde, mãe solo; que tardivamente se formou em direito enfrentando todas as dificuldades e atravessamentos possíveis, aprendeu que os costumes são fontes do direito e que o comportamento humano é que dá vida às leis, sendo estas sempre criadas para regular algo que naturalmente já está posto; que historicamente as políticas e tudo mais que o Estado constrói não são destinados para o seu povo. Colocados à margem, as margens vêm crescendo e se empoderando.

Após algum tempo lendo mulheres negras, me fortaleci e resgatei a menina que gostava de escrever poemas, então comecei a escrever mais e mais e me redescobri nos escritos dessas mulheres e nos meus próprios. Mas para publicar livros é necessário ser mestre naquilo que faz! Essa era uma falácia que habitava a minha mente e mantinha o meu sonho longe de mim, até que conheci a escrita de Conceição Evaristo e entendi que o conhecimento adquirido pela caminhada era importante, que meu traçar era a minha história e, a partir de então, passei a praticar a Escrevivência (Evaristo, 2005).

Uma história chega ao fim, outra começa. Aparentemente, por uma questão cronológica elas jamais se cruzariam ou sequer seriam sequenciais, uma vez que se morre e se nasce em locais e famílias totalmente diferentes. Mas na prática, o que se vê é mais do que cruzar, é o encontro do passado com o futuro de Mulheres Negras do presente. É relevante o estudo ou pesquisa que busca conhecer a história, ainda que fragmentada, de mulheres negras, sabendo-se elas a base da pirâmide social. Objetiva-se conhecer como são traçados, na prática, os caminhos de fortalecimento das mulheres negras no que se refere à construção de novas identidades, às mudanças psicossociais que vivenciam e impulsionam no contexto social.

Investigar como mulheres negras que vieram antes, quais sejam, as escritoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, marcando sua caminhada através da escrita, se tornam referências na representatividade e resistência e contribuem para a

construção de nova identidade de outras mulheres negras na atualidade. Entender o processo de transformação de conhecimento e empoderamento de mulheres negras em sua dinâmica autônoma e correlacionada. Apresentar formalmente meios para a construção de políticas de educação, qualificação e políticas públicas como facilitadoras e multiplicadoras dos processos de fortalecimento das mulheres negras. Refletir sobre outras formas de ensino que contemplem identidades plurais, proporcionando a aceleração e maior alcance de mudanças educacionais antirracistas. Entender como se dá este processo de reconstrução a partir do compartilhamento de vivências pode nos apresentar novas ferramentas de educação e formação de políticas públicas inclusivas, que contemplem essa identidade ainda não revelada pelos livros de história.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Enquanto a sororidade irmana mulheres negras e não negras, a dororidade unifica as mulheres negras. Veja a diferença, irmanada a mulher de alguma maneira ainda está fora, pareada. Unificada, mulheres negras estão dentro do processo de suas vivências.

As escritoras que serão investigadas compartilham suas vivências através de seus escritos, alimentam e fortalecem uma rede de mulheres que, de forma direta ou indireta, os acessam. “Porém, tem um princípio que une todas as tradições, o princípio do acolhimento. Tem um outro princípio que nos une: a palavra. A palavra que realiza. A palavra que vem do Axé, a palavra que tem o poder de realização.” (Piedade, 2017, p. 28). Os problemas que afetam as mulheres negras não são algo novo. Mulheres negras são chefes de família, mães solas, empregadas domésticas, mal remuneradas, desempregadas, há muito tempo.

**22 de maio.** Eu hoje estou triste, estou nervosa. Não sei se choro ou se saio correndo sem parar até cair inconsciente. É que hoje amanheceu chovendo. E eu não saí para arranjar dinheiro. Passei o dia escrevendo. Sobrou macarrão, eu vou esquentar para os meninos. Cosinhei as batatas, eles comeram. Tem uns metais e um pouco de ferro que eu vou vender no seu Manoel. Quando o João chegou da escola eu o mandei vender os ferros. Recebeu 13 cruzeiros. Comprou um copo de água mineral, 2 cruzeiros. Zanguei

com ele. Onde já se viu favelado com essas finezas?

...Os meninos comem muito pão eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. (...) ...O dinheiro não deu para comprar carne, eu fiz macarrão com cenoura. Não tinha gordura. Ficou horrível. A Vera é a única que reclama e pede mais. E pede: \_\_ Mamãe, vende eu para a Dona Julita, porque lá tem comida gostosa. (JESUS.2000, p.37).

Carolina Maria de Jesus, já na década de 60 descreveu bem essa dinâmica de miserabilidade e escassez. Seu relato revela que os dramas da vida de uma mulher negra, mãe solo e favelada estão muito para além das precariedades materiais. Carolina está triste, à beira do desespero, pensa em correr até o corpo não aguentar mais. Ela tem dores na alma. Sua escrita revela humanidade e as interseções entre raça, gênero e classe nas vivências da mulher negra. Carolina é uma intérprete do Brasil. As situações que ela analisa são vividas por muitas mulheres chefes de famílias negras, sobretudo num momento em que o Brasil vive intensa crise política e volta a ocupar o mapa da fome.

A luta é algo tão comum entre as mulheres negras, Conceição Evaristo (2005) também relata a sua necessidade do sol. Este SOL, significa mais do que o aquecer de um clima e secar de roupas, é a possibilidade de mais um dia de comida nas mesas de suas famílias. Todos os dias elas se levantam e lutam por um sol. E, a vida dessas mulheres nos mostra que, de fato, o sol não nasce para todos. Nesse contexto, a escrita apresenta-se para elas como uma ferramenta de cura e de realização, já que escrever ajudaria a materializar o Sol em suas vidas.

Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cumplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos

de mãe em direção à página -chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. (...) Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, a legoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida? (EVARISTO. 2005, p.1)

Ao ler Lélia Gonzalez (2020), em seu texto "Mulher negra-um retrato", por alguns momentos parece falar de Carolina Maria de Jesus, pois a menina, sobre quem Gonzalez escreve, vem de Minas Gerais, de fazenda do interior, acompanhada de sua mãe. O pai nunca morou junto com elas, apenas aparecia para fazer os filhos, mas vivia com a família legal. Se era ou não de Carolina de que Gonzalez falava, não se sabe. O que se sabe é que essas histórias parecem ser copiadas, como se usassem um papel carbono; e este vai ficando gasto pelo sofrer das duras repetições.

Conceição Evaristo (2017, p.5), em sua entrevista para o site Desacato, comenta que as produções literárias disponíveis não contemplam o povo negro. Para ela, ler, discutir textos de seus iguais é um exercício interessante, você identifica em que esse texto se assemelha com o seu. Ela contou que, certa vez, em uma palestra aproximou-se dela uma menina e disse "Ceição, estou escrevendo, mas estou te plagiando", ao que

ela respondeu: “você não está me plagiando. Tem um momento que o texto é seu; podemos pensar em uma questão de tradição”. Diante dessa afirmação de Conceição Evaristo (2017, p.5), parece claro que as vivências são passadas através da escrita como uma tradição, movimento silencioso de compartilhamento que transforma dores, amores em palavras; num exercício de superação constante por meio da Escrevivência.

E como essas mulheres têm se apoiado, resistido e vencido diante de tantos atravessamentos? Conceição Evaristo pensa a Escrevivência a partir de um olhar coletivo, que reflete a história de um povo, nunca a de um sujeito individualmente, talvez aqui já tenhamos uma diretriz do que seja este compartilhamento. Importa saber, buscando um conceito que nos aproxime ainda mais dessa realidade e o Efeito Carbono, hipótese proposta no desenvolvimento deste ensaio é, de alguma maneira, a expressão daquilo que se repete com alguma alteração que pode influenciar no resultado final

Em seu livro *O pacto da branquitude*, Maria Aparecida Silva Bento (2022), nos brinda ao defini-lo objetivamente, descrevendo-o como um pacto não verbalizado que mantém as pessoas do mesmo segmento, masculino e branco, nos lugares de poder do país, em todos os lugares. Não se trata de um acordo, nada combinado e formalizado, mas são pessoas que decidem a vida de outras nas empresas; instituições; órgãos governamentais. Ao fortalecer esse movimento de apoio aos iguais, esse mesmo pacto exclui os diferentes, sustentando um ciclo de desigualdades. O movimento silencioso do pacto da branquitude, guarda alguma relação com o movimento do Efeito Carbono; porém tem cor, gênero e sujeitos de atuação diversos. Enquanto o pacto da branquitude é fomentado por sujeitos do gênero masculino, branco e pertencentes a classes sociais mais abastadas, o Efeito Carbono atua na construção e fortalecimento de identidades de sujeitos historicamente subalternizados do gênero feminino e negras. Metaforicamente o pacto da branquitude se apresenta como um ciclone que engole as diferenças subalternizadas e, em um movimento contrário, o Efeito Carbono regurgita esses mesmos sujeitos subalternos e os devolve ao mundo, como um grito de Empoderamento e Liberdade. Em ambos os casos, não há nada formalizado, nada combinado, mas há uma

repetição de ações no tempo e no espaço.

Não é novidade que a história brasileira não contempla de forma justa a participação do povo negro na construção do país, embora tal povo componha a maioria da população, aproximando-se de 56%, de acordo com dados do IBGE (2020). O que se conta está distante da realidade e passa pelo olhar vazio do colonizador, que relata o seu ideal e não se aproxima das subjetividades. De acordo com Moreira e Castilho (2022, p.8), “a cultura popular, do ponto de vista da História, é sempre abordada por quem não pertence às camadas populares, portanto, é uma criação burguesa da cultura erudita”

Em seu texto *Falando em língua: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo*, Gloria Anzaldúa (2000) se direciona às mulheres de cor e descreve como aquela carta encontraria essas mulheres, em seu trabalho à frente de um computador, caminhando para a escola ou outro lugar. Mães solteiras; lésbicas; do sul do Texas; asiáticas-americanas, mulher índia. Arrastadas por todas as dificuldades entre filhos, ex-maridos ou amantes e lamentando a falta de tempo e condições para a escrita em sua vida. Relata ainda, que teve dificuldades até decidir que escreveria uma carta. Tentou dar a forma de ensaio, mas sentiu que o resultado da escrita foi frieza e aspereza, decidiu-se pela carta para resolver tal distanciamento. Percebo que a prática da escrevivência, que oportuniza a troca das experiências entre as mulheres negras, é um movimento que perpassa os muros invisíveis das dificuldades, transpõe barreiras geográficas e culturais fortalecendo seus laços de conhecimento.

Revela-se a escrita de compartilhamento dessas vivências entre mulheres negras, uma ferramenta importante para construção e transformação de identidades. Então, por que não reforçar este movimento dentro de nosso quintal? De acordo com Santos (2021) devemos nos preocupar.

Diferentes áreas de conhecimento têm reproduzido o apagamento da participação negra e indígena, principalmente quando se tratam de mulheres, na história de seu percurso como ciência e profissão. É certo que a história das Ciências Humanas e Sociais conta com nomes como Lélia Gonzalez, Virgínia Bicudo, Neusa Santos Souza,

entre tantas outras mulheres negras que produzem conhecimento psicológico e psicossocial comprometido com processos de descolonização epistêmica antirracista e antissexista. Sim! Elas também participam da história, embora muitas(os) de nós tenhamos passado pela graduação sem sequer ouvir seus nomes. (Santos. 2021, p.21)

Em entrevista para a revista Tempus Acta de Saúde Coletiva, interpelado sobre a importância da interculturalidade no ambiente universitário, José Jorge de Carvalho (2012, p.21) afirma que “Se há novos sujeitos, deve haver novas metas a serem incluídas, inclusive na Pós-Graduação. Há de enxergar o negativo e atravessá-lo com uma visão propositiva, reconhecer sua existência...”

Mapear novas identidades construídas nessa dinâmica, fielmente, é uma das principais preocupações dessa pesquisa; portanto proponho uma metodologia de abordagem qualitativa. Considero a complexidade da realidade vivenciada pelas sujeitas da pesquisa, buscando compreender o significado das transformações das identidades no ambiente onde estão inseridas. Pretendo realizar esta pesquisa com mulheres negras que tiveram contato com os escritos de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. Considerando o contexto e todo o processo de vivências das escritoras que serão referências da pesquisa, ainda, a relação que estes escritos mantêm com seus leitores de forma direta ou indireta, a produção de conhecimento e forma de educação autônoma produzida a partir daí, a metodologia será a escrevivência e como apoio serão realizados encontros com 05 mulheres, onde a comunicação final será através de cartas. Com o material produzido, resultado dessa pesquisa, intento a construção de um livro com as memórias e relatos colhidos das sujeitas pesquisadas, conclusões experimentais e compartilhamentos de suas vivências, os quais levaram a alcançar o empoderamento e construção de suas identidades. Sendo este material veiculado de forma gratuita no meio escolar e na sociedade, para que sirva de ferramenta de estudo e conhecimento futuros, tornando-se também instrumento da Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003.

### 3. CONCLUSÃO

Este ensaio considera o exposto na Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelecendo as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro Brasileira”. Aprofundarei nas pesquisas para conhecimento e discussão dessa temática, com intuito de apresentar mais caminhos para a inclusão histórica, de fato, percebendo que o ambiente escolar ainda enfrenta muitas dificuldades no caminho. Essas leis são importantes instrumentos de descolonização dos currículos, considerando que a escola constitui os sujeitos. Questiono como as mulheres negras são constituídas como sujeitas na escola diante da precariedade da valorização da história e literatura de outras referências negras? A partir da investigação aprofundada do tema, buscando desenhar este processo de fortalecimento das mulheres negras através do compartilhamento da escrita e das vivências na sociedade brasileira, sustento a hipótese da atuação do Efeito Carbono, como processo silencioso de construção de novas identidades. Pretendendo contar uma nova história, apresentar um modelo de educação ou práticas socioeducacionais que contemplam ações inclusivas em espaços educacionais e para além deles.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDALZÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos feministas*, v. 8, n. 229, p. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em 16.09.2022  
BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, M. Aparecida Silva (org.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre a branquitude e branqueamento no Brasil*. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRASIL. **IBGE-Síntese de Indicadores Sociais em 2020**  
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/32418-sintese-de-indicadores-sociais-em-2020-sem-programas-sociais-32-1-da-populacao-do-pais-estariam-em-situacao-de-pobreza>. Acesso em

20.08.2022 BRASIL-Planalto. Disponível em  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) Acesso em 22.08.2022.

**BRASIL-Planalto.** Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm) Acesso em 22.08.2022.

CARVALHO, Jose Jorge. Entrevista com o professor José Jorge Carvalho. Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva. V. 1, n. 1, p. 21, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307819157> Entrevista com o professor José Jorge de Carvalho. Acesso em 18.09.2022.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Conceição Evaristo. 1.ed. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 2016.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe**, um dos lugares de nascimento de nascimento de minha escrita. Revista Z Cultural.v.1, n.1, p.1, 2005. Disponível em <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/>. Acesso em 22.08.2022.

EVARISTO, Conceição. Para nós, negros, escrever e publicar é um ato político. Revista Desacato. V. 1, n. 1, p. 5. Disponível em acesso em: <https://desacato.info/para-nos-negros-escrever-e-publicar-e-um-ato-politico/> . Acesso em 14.09.2022.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018. GOMES, N. L. **O combate ao racismo e a descolonização das práticas educativas e acadêmicas**. Revista de Filosofia Aurora.v. 33, n.59, p. 2, 2021. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27991>. Acesso em 21.08.2022

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano** .ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Schwarcz, 2020.

hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática**, Rio de Janeiro: Elefante, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2000. P.37.

MOREIRA, F. da S., & CASTILHO, P. T. (2022). **Do verso ao berro**: vozes de resistências frente ao projeto “civilizatório brasileiro” nos campos da literatura e da música popular. *Literatura E Autoritarismo*, (38). <https://doi.org/10.5902/1679849X67806> (Original work published 29º de dezembro de 2021), p.8. <https://doi.org/10.5902/1679849X67806> Acesso em 21.08.2022.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017. P. 28.

SANTOS, Karina Pereira dos. **“TUDO QUE NÓIS TEM É NÓIS”**: continuidades históricas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras nas resistências coletivas ao epistemicídio na UFMG. Dissertação de mestrado-UFMG. 2021. Disponível em: [Repositorio Institucional da UFMG: “Tudo que nós tem é nós”: continuidades históricas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras nas resistências coletivas ao epistemicídio na UFMG.](https://repositorio.ufmg.br/handle/1871/10700) Acesso em 16.09.2022

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro e ascensão social. Edições Graal, 1983.

RODA VIVA..Conceição Evaristo Explica o conceito de “escrevivência” e relação com mitos afrobrasileiros. YouTube, 19.08.2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=J wfZGMV79A> Acesso em 14.09.2022.

Submissão: 20/11/2023

Aceitação: 29/11/2023